

CDU 1:32

A FILOSOFIA POLÍTICA DE JOAQUIM PIMENTA

Jorge Zaverucha

1) Introdução

No dia 13 de janeiro de 1886, nascia no alto do sertão do Ceará, em Tauá, Joaquim Pimenta. Pimenta conheceu na sua cidade história não muito diferente de outras urbes da região: a luta por questões de terra, a influência dos "coronéis" e o peso da Igreja católica. Pessoalmente logo cedo aprendeu que o conceito de justiça era na região uma figura muitas vezes de retórica, principalmente quando as vítimas sentiam-se socialmente desamparadas.

Em 1906, no final do primeiro ano do Curso de Direito, fundou com colegas a revista *Fortaleza* inaugurando-se, assim, na literatura filosófica através de uma série de artigos intitulados "A Moral -- considerada sob três pontos de vista: religioso, metafísico e positivo."¹

Pimenta não pararia de ler, de refletir, recebendo tanto a influência do positivismo como do spencerianismo. Ao mesmo tempo que procurava se desvencilhar de preconceitos e dogmas religiosos, resquícios de sua educação, chegou naturalmente à literatura socialista, principalmente aos teóricos anarquistas como Proudhon, Bakunin e Eliséé Reclus.

Pimenta tornou-se professor da Faculdade de Direito do Recife, e o líder comunista pernambucano, Cristiano Cordeiro, foi quem o apresentou à massa proletária de Pernambuco. Pimenta, desde então, liderou uma significativa parte do movimento operário pernambucano distanciando-se das idéias marxistas de Cristiano pois era adepto do pragmatismo político, ou seja, de arrancar da situação tudo o que fosse possível. Por isso mesmo, nunca hesitou em fazer alianças com setores burgueses, algo inconcebível pela ortodoxia marxista.

Após uma malograda tentativa de se eleger deputado durante o

1 PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1949, p. 76.

governo Sérgio Loreto, e por ele perseguido, Pimenta se autorefugiou no Rio de Janeiro, em 1924, onde assumiu o cargo de consultor técnico do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Na década de 30, com a assunção de Getúlio Vargas, Pimenta fez parte do Ministério do Trabalho liderado por Lindolfo Collor, onde tentou criar novas formas de relacionamento entre capital e trabalho.

O objetivo deste artigo é conhecer o pensador Joaquim Pimenta. Por isso mesmo, serão apresentadas suas idéias sobre liberalismo, socialismo, anarquismo, educação, violência, estado, luta de classes, religião, igreja, sindicalismo e partidos políticos. Pode-se concordar ou discordar de Pimenta, ou até mesmo, simultaneamente, concordar e discordar do mesmo, pois em alguns pontos foi contraditório. O que não se pode negar é a acuidade de um intelectual que dentre suas fraquezas, teve a virtude de, já naquela época, prever o desenrolar de processos históricos que só ficaram óbvios para várias pessoas depois da queda do muro de Berlim.

II) A FILOSOFIA POLÍTICA DE PIMENTA

a) Liberalismo, Socialismo e Anarquismo

Quando da sua preleção na abertura do curso de Direito Administrativo, na Faculdade do Recife, além de ter anunciado sua intenção em fundar naquela tradicional instituição um centro de estudos que se dedicaria à análise dos fenômenos sócio-políticos, Pimenta também teceu considerações sobre a realidade brasileira. De acordo com o professor, o Brasil padecia não somente de uma crise moral, mas, também, sofria de uma crise de idéias. Esta crise intelectual se refletia, segundo o mesmo, por sobre as classes dirigentes sob o aspecto da ignorância das leis sociológicas e seus derivados.²

Não se pode negar que Pimenta foi um pensador instigante. Certo ou errado, ele procurou, com exemplo próprio, combater o que ele mesmo diagnosticou: o parco conhecimento sócio-político do mundo exterior brasileiro por parte de seus líderes. O conhecimento desta realidade não obedeceu a um plano pré-estabelecido, muito pelo contrário. Pimenta passou por várias fases até firmar sua linha mestra de pensamento, tentando manter sua independência de raciocínio.

A princípio recebeu forte influência dos escritos anarquistas e

2 *O Imparcial*, 1 de setembro de 1925.

comunistas, calhando em boa hora com o seu ardor juvenil. Aos poucos foi distanciando-se da análise marxista por julgar que o cerne da resolução dos problemas não residia na abolição da propriedade privada. "O que quero dizer é," alertava, "simplesmente, que uma mudança no sistema de propriedade é irrelevante diante dos problemas maiores do processo de desenvolvimento econômico. Se não partirmos desta premissa, não entenderemos porque ainda existem formas de poder e controle onde não existe propriedade. As teorias que se baseiam num conceito legal e formal de propriedade podem ser convenientes, mas não explicam as relações efetivas de poder no sistema econômico. O mundo é muito mais difícil de entender do que pensam os que estão presos ao conceito de propriedade." 3]

No que tange à propriedade, Pimenta fica numa posição intermediária entre a posição marxista e a do liberalismo clássico. Para ele:

"A propriedade é outro assunto delicado porque qualquer objeção que se faça aos seus fundamentos jurídicos, que não esteja dentro da doutrina clássica e individualista, ainda em vigor nas cartas constitucionais e nos códigos, poderá ser tomada por subversiva ou contrária a ordem, da qual ela é uma das pedras angulares. Entretanto, a história do direito marca de modo muito nítido o seu evoluir e conseqüente aspecto doutrinário que vem acompanhando essa evolução. Propriedade em comum nos clans, nas gentes, nas famílias, nas tribos, propriedade individual, como poder absoluto do indivíduo sobre as causas; restrições a este poder; função social em que se vai convertendo; amanhã talvez, completamente integrada ao interesse coletivo. Na ética jurídica moderna, e até nos tribunais, já ninguém pode invocar a soberania deste e de outros direitos com o intuito doloso de lesar a outrem. Tudo isso são indícios atrevidos de que a propriedade, em vez de desaparecer se vai transformando em uma instituição com finalidade sociológica que ultrapassa as linhas esculturais, de uma rígida harmonia, que no código napoleônico, e nos demais que o tomaram por modelo, lhe davam uma aparência de solidez e imutabilidade intangíveis." 4]

Portanto, arremata Pimenta: "A ciência social que tenho em mente deveria examinar muito atentamente as instituições para verificar se estas estão aptas a preservar a integridade e a liberdade do indivíduo, além de aumentar suas oportunidades de vida." 5]

No que tange ao materialismo histórico não é menos indulgente:

3 | PIMENTA, Joaquim, *Golpes de Vista*, p. 25

4 | *Revista Contemporânea*, 4 (1935), p. 156

5 | *Ibid.*, p. 82.

"O erro da teoria materialista da história está em reduzir ao fenomenismo econômico todas as manifestações mentais, assim na sociedade há fatos que se não podem tomar como simples epifenômenos do fato econômico. Se este atua de modo profundo no evolver social, sofre por seu turno, a influência da religião, dos costumes, do direito, da política." ⁶

Em relação a esta concepção histórica, Pimenta mostra mais uma vez sua originalidade de pensamento, ao caracterizá-lo como uma teoria sociológica ao invés de socialista, passível de ser usada como instrumento de interpretação também para os não-marxistas. Em suas próprias palavras:

"Assim como a concepção materialista da história de Karl Marx é uma teoria fundamentalmente sociológica e não socialista. É uma concepção dos fatos sociais explicados à luz do determinismo econômico. Em si, nada tem que ver com o comunismo marxista que é apenas uma conclusão doutrinária de fundo ideológico, peculiar ao pensamento individual de Karl Marx. Por outros termos, o Karl Marx economista e sociológico pode admitir independentemente o Karl Marx comunista e revolucionário.

Explicar que os fatos sociais e as instituições em que se articulam e se cristalizem, assentam em uma estrutura econômica, que esta resulta da técnica de produção, de modo como o homem ou, antes, a sociedade se conduz na natureza e sobre esta reage; como constrói ou fabrica instrumentos e os utiliza dilatando o seu campo de ação e de organização; como, desse modo de agir, determinando as suas condições materiais e sociais de existência, deriva o modo de sentir e de pensar de cada grupo e dos indivíduos que o formam, tudo isto se coordena e faz o corpo de uma doutrina a que, sem distinção de ideologias ou de credos políticos podem filiar-se à vontade comunistas e não-comunistas." ⁷

Ideologicamente, por conseguinte, estava crismada a diferença entre o socialismo de Pimenta e o dos anarquistas e comunistas, com projeções na práxis. Aprofundando a questão, lembraria, por exemplo, a análise de Pimenta sobre a "questão social." Para ele esta problemática, não era apenas uma "questão de estômago", pois se o fosse, bastaria concentrar-se esforços na resolução das questões econômicas. Abrindo o leque explicativo, afirma que a "questão social" é:

"um conjunto de questões de ordem econômica, de ordem moral,

6. Ibid.

7. PIMENTA, Joaquim, *Cultura de Fichário*. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1940, p. 174-5

de ordem jurídica etc, que se entrelaçam e se interdependem. Não obstante isso a sua solução há de previamente ligar-se à solução de problemas de natureza econômica por serem eles os que mais profunda e imediatamente se relacionam com as condições existenciais da sociedade."⁸

Trocando em miúdos, Pimenta não cria no economicismo, mas reconhece e mais que isso, privilegia a solução de problemas de ordem econômica e justifica:

"Sem primeiro estabelecer o equilíbrio de tais relações, sem desaparecer o conflito que cada vez mais se agrava no campo das necessidades elementares da vida coletiva; sem garantir a cada indivíduo, a cada "célula social", o suficiente para que ela se mantenha e desfrute o que naturalmente lhe deve caber pela função que exerce na comunidade da qual faz parte, pouco alcançarão as medidas mais altruísticas muito menos os processos mais energéticos, postos em prática para conter o impulso das consciências para a organização de um regime de direitos iguais para todos."⁹

Pimenta não rejeita a ênfase dada pelo marxismo ao fator econômico na explicação da dinâmica societal, mas a complementa pois "a preponderância que o marxismo empresta ao fato econômico na estrutura e dinâmica das sociedades humanas, é aceita por sociólogos que não são socialistas como há socialistas que além do fator econômico, admitem outros de igual importância na gênese e transformação do mundo social."¹⁰

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, de todas as disparidades sociais existentes etc, Pimenta sempre demonstrou um otimismo inquebrantável na esperança de um dia poder respirar os ares de uma sociedade socialista.

O "cimento" de seu sonho residia na associação que fazia entre altruísmo e socialismo. Neste ponto não abandonou a influência recebida por Kropotkin ou Ferri em relação a concepção da natureza do homem. Para os dois, por sua vez influenciados pelo zoólogo Kessler, especialmente Kropotkin, e ao contrário de Darwin, achavam que os animais como as espécies de vida gregária tendem a ter um comportamento simbiótico. Como o próprio Pimenta assinalava,

"Haverá nada mais altruístico do que pugnar por uma reorganização social em que cada indivíduo seja igual a outro em direitos

8 *O Paiz*, 21 de maio de 1924.

9 PIMENTA, Joaquim, *Cultura de Fichário*, p. 176-7

10 *ibid.*

e deveres? Uma organização em que se suprima toda espécie de privilégios, em que desapareçam todas as formas de despotismo, todas as injustiças, todos os crimes perpetrados à sombra da fortuna e do poder? Haverá nada mais humanitário do que sonhar uma sociedade em que cada um dos membros seja ao mesmo tempo uma unidade econômica e uma unidade jurídica, esta reflexo daquela; e ambas a polarizarem harmonicamente as forças sociais em equilíbrio?

(...) Demonstraram eles [os anarquistas] que entre as sociedades mais humildes da escala dos seres, como entre as sociedades humanas, há uma tendência instinta, irresistível, para a associação, para o apelo mútuo, para a defesa recíproca; que as espécies da vida gregária obedecem à necessidade vital que tem os indivíduos de se auxiliarem uns aos outros para poderem sobreviver no combate com outras espécies ou resistir aos elementos de destruição que os ameaçam." 11]

Este tipo de comportamento é a comprovação da existência do altruísmo e conseqüentemente da factibilidade do socialismo pimentiano. Para o lente cearense, "não fosse o valor real dessa lei, que contrapesando os efeitos da luta acaba por transformá-la em poderosos agentes de solidariedade, e o socialismo não passaria de um castelo de cartas. Faltaria o centro de gravidade as suas construções teóricas, lógica ao sistema social que ele preconiza e já se vai delineando na consciência do homem contemporâneo como a realidade histórica sobre o que se erguerá a civilização do futuro. Em uma palavra, à ação destruidora do egoísmo cego, os socialistas opõem a ação construtora do altruísmo clarividente, lei suprema que há de amanhã, reger os destinos humanos." 12]

Este otimismo na solidariedade humana como alavanca do socialismo permaneceu em Pimenta mesmo após as malogradas tentativas do Movimento Operário Pernambucano em empolgar o poder local. Suas declarações concedidas ao jornal *Pan* em 20 de fevereiro de 1935 são um atestado eloqüente do referido otimismo:

"Diria que se siempre existió es solidariedad y que ella siempre aproximó a los hombres entre si, en sus tribus, en los burgos, en cada pais, en sus creencias e ideas comunes. Pero esa solidariedad nunca fue mas allá de los hijos de la misma tribu, de la misma ciudad, de la misma nación: quedaba muerta en las fronteras de raza, de religión de cultura, solidariedad de semita para semita, de europeu para europeu, de israelita para israelita, de cristiano para cristiano y, dentro de cada círculo o de cada medio, entre individuos del mismo nivel o categoria social.

11 *O imparcial*, 27 de julho de 1927.

12 *O Paiz*, 4 de junho de 1924

Hoje se esboza un espíritu de solidaridad que se eleva por encima de los antagonismos étnicos, nacionalistas o classistas: es lo que encara la vida por valores morales e intelectuales inherentes a su própria naturaleza y por que ellos representan como elementos de cooperación por el bien estar comum sopro vital de una civilización tanto mais igualitária quanto mas se eleve la dignidade del hombre mediante el trabajo."

Em oposição ao altruismo e à solidariedade humana - típica característica do homem sociável - encontra-se segundo ele, a concepção do homem como criação artificial do liberalismo metafísico. Assim depreende-se que Pimenta ontologicamente divergia do conceito liberal do homem, e por extensão das propostas políticas do liberalismo.

Pimenta, por exemplo, chama a atenção para o fato da doutrina liberal constituir-se no "esteio doutrinário de uma ordem social que, enfeitando-se com o rótulo vistoso de democracia, mal disfarça um regime de arbitrariedade e de extorsões. Porque se faz de cada individuo um ser livre, "soberano na urna," este "poder eminente" não impede que ele seja um "escravo na fábrica."¹³

O interessante nas argumentações de Pimenta contra o liberalismo era que o teor de suas críticas eram bem semelhantes às empregadas pelo marxismo no combate à doutrina liberal, em que pese Pimenta, como já vimos, também fizesse suas restrições ao marxismo. A impressão que fica nas pesquisas sobre o intelectual-ativista, era que ele estava à procura de uma alternativa ideológica para o individualismo desmedido (que sem dúvida era praticado pelas elites governantes sob o pálio dito liberal), e o coletivismo ortodoxo que alguns libertários propugnavam.

Pimenta chega a esboçar de um modo muito incipiente o seu desejo de erigir um coletivismo que estivesse por cima de antagonismos étnicos nacionalistas ou classistas. Ele nos deu uma pista sobre a "terceira via" que inquietantemente procurava. Ao julgar que a ordem social então prevalecente estaria com os seus dias contados, Pimenta numa atitude teleológica crê que a idade moderna já começou a tarefa de escrever o que definiu como o seu Evangelho.¹⁴

Esta boa nova virá através do socialismo que seria uma espécie de corretivo da secular ilusão individualista, por ele denunciado, procurando, assim, situar no mundo social a fonte das ilusões da consciência. No socialismo "pimenteano" - e aí a revelação - coletivismo

13 PIMENTA, Joaquim, *Golpes de Vista*, p. 80

14 Ibid

e individualismo não se excluem, mas complementam-se, pois "não há direito individual que não seja também um interesse social; e não há direito social que não se resolva igualmente em um interesse individual."¹⁵ Por isso mesmo, | almeja, conclui, que entre o indivíduo e a sociedade não existia uma relação de dependência, mas de solidariedade.

Como não sabemos com exatidão como pretende Pimenta materializar suas idéias, então, pelo menos, prossigamos no estudo daquilo que ele não almeja. Pela sua insistência ele não quer que os indivíduos caiam na ilusão individualista, filha dileta do liberalismo. O engodo estaria no fato do liberalismo vender a idéia de que o indivíduo ao possuir direitos naturais e imprescritíveis, seria capaz de determinar substancialmente a gênese e a finalidade de toda associação política.¹⁶ Isto, obtemperou, era uma encantadora miragem do idealismo filosófico do século dezoito. Como alternativa propunha um homem concreto, o homem social, "a desentranhar-se lentamente da massa coletiva, a polarizar as mutações desta, a assumir pouco a pouco a posição de uma unidade social diferenciada, autônoma, no consórcio humano."¹⁷

Não apenas o indivíduo "liberal" era uma ilusão. Para Pimenta, o Povo também o era. Ao contrário do que muitos pensavam, dizia, o que se descobre no Povo, "não é uma vontade livre, inteligente, norteando-se para um fim predeterminado (mas) grupos individuais que, longe de se fundirem em um bloco graniticamente homogêneo tendem a distanciar-se com a crescente complexidade do todo social."¹⁸ Ora, dado que para Pimenta o povo não é uma entidade una e natural, seria uma quimera, por extensão, almejar qualquer possibilidade de existência de um verdadeiro governo do povo pelo povo.

Um outro fator que contribuiu para solidificar sua opinião é a constatação que mesmo em países com liberdades constitucionais superiores à nossa, também não se registrou a existência de governo do povo pelo povo, e sim governos onde predominaram os que apresentaram algum tipo de superioridade: econômica, moral ou intelectual. Noutras palavras, são as elites que encarnam o poder ajustando-o aos seus interesses e não aos do povo.¹⁹

15 Ibid

16 Ibid., p. 78

17 Ibid., p. 79-80

18 Ibid., p. 85

19 Que pimenta desejasse a unicidade da classe trabalhadora como condição para a formação de um governo do povo pelo povo, é entendível. Difícil, entretanto, é saber, mais uma vez, como se chegará a esta unidade, quando o próprio reconhece que o Povo não forma blocos homogêneos, e como perspicazmente frisa, afastam-se uns dos outros a medida que o todo social

A democracia, por sua vez, não abdica de mecanismos de controle do governo instrumentos estes que Pimenta vinha contumazmente desacreditando em seus escritos (vide seu desprezo pelos partidos políticos), contribuindo para reduzir a Democracia num democratismo sedimentado na base social do poder, e revelando um anacronismo histórico, pois as democracias modernas são baseadas no sistema representativo que designa automaticamente algum tipo de elite, de preferência meritocrática, a liderança da sociedade.

Quanto à democracia que se encontra imbricada na temática liberal, o que não quer dizer que sejam sinônimos, a crítica de Pimenta, é bastante contundente. E entendível. O liberalismo clássico preocupou-se em demasia na determinação da forma de governo, relegando o fator social para o segundo plano. Segundo Pimenta, "enfeitando-se com o rótulo vistoso de democracia, mal disfarça um regime de arbitrariedades e de extorsões. Porque se faz de cada indivíduo um ser livre, soberana urna, este poder eminente não impede seja ele um escravo na fábrica. Se concorre o [trabalhador] com os seus músculos, com a sua inteligência, para manter uma engrenagem governamental que o proteja e garante pesar-lhe sobre os ombros um mundo de iniquidades, diante do qual empalidece a delinqüência alcançada pela repressão de códigos pessoais." 20|

Explica-se porque até hoje, o liberalismo é uma ideologia que não atrai multidões em país de grandes disparidades de renda e sem arcabouço político, pois é incapaz de oferecer uma alternativa para as demandas da população. É por aí que Pimenta insere suas críticas. Vejamos:

"O liberalismo igualitário das democracias modernas não impediu que a humanidade continuasse, não menos ou cada vez menos, mais desigual enquanto teoricamente insistia por um regime de desigualdade política, que servisse de fundamento à estrutura do Estado. Este, tanto mais se tornava um instrumento de ambições de mando e de dominação de classe, com o mesmo despotismo, as mesmas iniquidades do antigo regime [e] tomou-se uma verdade histórica vulgar, que uma célebre declaração dos direitos do homem e do cidadão se teve, somente em vista a garantia dos direitos políticos, emitidos ou deixados de lado os direitos econômicos, como se estes dependessem daqueles quando uns e outros necessariamente, se pressupunham. Daí o fracasso do processo de governo democrático para articular, dentro de dois dogmas

se complexifica, como acontecia com a sociedade pernambucana da época.
20 PIMENTA, Joaquim, *A Ilusão Individualista*. Recife: Imprensa Industrial, 1930, p. 80-1

metafísicos, o da liberdade e o da igualdade, toda a estrutura da ordem social ou da ordem burguesa, ambos tidos por fundamentais na nova engrenagem do Estado, como se este também não resultasse dos mesmos fatores que deram a essa ordem burguesa uma base econômica assaz complexa e a margem dos princípios apriorísticos com os quais teria, forçosamente de entrarem em conflito." 21 |

Pimenta estava a sugerir, portanto, que a democracia formal pouco valor tinha para os despossuídos que eram majoritários na população brasileira, e pernambucana em particular. Há por aí embutida uma crítica ao que estaria dando suporte a tal situação. Para ele, a empresa capitalista era "um novo feudo no mundo contemporâneo" e o Estado estava "amarrado a interesses de classe ou de grupos econômicos." 22 |

Desse modo os pleitos eleitorais ao invés de serem uma "afirmação de consciência e livre escolha dos que possam autenticamente representá-las e servi-las" [transforma-se segundo o mesmo em] "mais um ignóbil disfarce da perniciosa influência de tais grupos sobre as massas." 23 |

Pimenta segue firme na denúncia ao que considera um embuste, i.e., cria-se uma atmosfera de liberdade e igualdade para os trabalhadores quando no fundo sua situação continuava periclitante, mesmo com o direito de voto. 24 | Nestas condições Pimenta insurge-se contra o voto acusando-o de instrumento de ilusões. Chamo a atenção para a insistência com que Pimenta usa termos como ilusão, ficção ou artificialismo. Assim os empregou em relação à concepção liberal do homem, ao Povo e agora ao voto. Vejamos suas idéias nesta passagem:

"(...) soberania por direito divino o soberania por sufragio popular no son mas que meras ficciones que han tenido su esplendor mientras se les atribuyó la virtud magica de crear prerrogativas inviolables y de la autoridad y el prestigio de los gobiernos." 25 |

Ou nesta:

"De que serve tornar o voto obrigatório, se ele só tem o valor numérico para os detentores da monarquia eleitoral? De que serve torná-lo secreto se o eleitor, embora presumindo-se acautelado pelo

21 *O Estado e a Luta de Classes* (jornal não identificado)

22 Consegui obter o título do artigo "Asas de Mariposas contra Asas de Aviões de bombardeiro", mas não o do jornal. Arquivo Joaquim Pimenta, Fundaj.

23 *Ibid.*

24 O voto na época era de ata, i. e., descoberto, e para maiores de 21 anos. O voto secreto e feminino só a partir de 1930.

25 *Pan*, 20 de novembro de 1935

sigilo, contra a sanha de feros potentados, vê, dia após, o seu voto desaparecer, tomar um rumo ignorado, ou sorrateiro, escapulir-se pelo giz cabalístico de uma aritmética manhosa?" 26|

Este era um retrato verídico do jogo eleitoral da época, desmoralizando o arremedo de liberalismo caboclo. Numa situação onde o eleitor sabia de antemão que sua cédula valia menos do que um *poule* de jogo do bicho, ficava difícil trabalhar com um conceito parcamente usado como o de cidadania, principalmente quando não havia, dois requisitos prévios da cidadania política, a saber: escolha livre de coações, contagem fidedigna dos votos e a diplomação de quem realmente foi eleito. Ou seja, Pimenta alertava para o fato de que o direito à representação não se esgotava no direito de votar.

Portanto, numa situação em que não se sabia com certeza o paradeiro do voto, com partidos personalísticos e sem um Legislativo respeitável, a insatisfação de Pimenta com o liberalismo nacional que legitimava esta ordem, era pertinente. Inclusive esta a propor, como na declaração abaixo, às elites governantes que se aspirassem realmente em vigir um país democrático, tratassem de tentar tornar a representação política nacional algo mais crível caso desejassem evitar uma solução à base da força:

"Entim, com o seu voto secreto, com ou sem voto obrigatório, no dia em que cada cidadão brasileiro se convencer de que ele e o seu país politicamente só valerão alguma coisa, pelo voto livre, consciente, e em que depurado por fraude esse voto, recorreu-se, depois de esgotados os demais recursos legais, ao direito da força, para fazê-lo voltar à urna de onde o escamotearam, nesse dia, começaremos a crer na possibilidade de uma democracia no Brasil." 27|

b) Educação, Violência, Estado e Luta de Classes

Intrigado com o subdesenvolvimento brasileiro, Pimenta não titubeou em dar seu veredito: "Não é porque somos mestiços ou porque somos um ensaio de nação, que marchamos na retaguarda dos outros povos, é porque somos ignorantes, mal educados, mal nutridos, anêmicos, enfermos." 28|

Pimenta estava a clamar à Nação que esta investisse naquilo que julgava fundamental: a educação do homem brasileiro. De acordo com

26| PIMENTA, Joaquim, *Golpes de Vista*, p. 31

27| PIMENTA, Joaquim, *Golpes de Vista*, p. 100

28| *O Paiz*, 11 de junho de 1924.

suas próprias palavras, "mais do que a raça, do que a tradição, mais do que o costume, pode a educação, que é a própria lei da adaptação racional e experimentalmente executada, lei que modifica a raça, que faz recuar a tradição, que revoga o costume quando não o amolda as necessidades da vida social. Saneados e educados, poderemos então, ouvir do estrangeiro não que no Brasil tudo é grande menos o homem, mas que no Brasil tudo é grande e maior o poder do homem que nele habita." 29

Como proposta concreta, Pimenta sugere a criação de uma idéia, sem dúvida, avançada para a época, a fundação de uma universidade popular com o intuito de educar e instruir a classe trabalhadora, a exemplo, alega, do que se tem feito em vários países. Este projeto, todavia, nunca vingou.

A preocupação de Pimenta era no sentido de criar condições para que o proletariado pudesse, usando a expressão da moda se conscientizar do seu mundo. O intuito era romper a dicotomia entre a produção intelectual e braçal, estimulando assim o desenvolvimento da capacidade analítica operária, conforme suas palavras:

"[é] um fato que a experiência histórica tem demonstrado, que uma classe, uma corporação, um grupo social quanto mais amplo e exato a sua visão da realidade e do meio ambiente, tanto mais probabilidade tem de vencer e de dominar em concorrência com outras classes, com outros grupos (...) Iguamente será vitoriosa a classe operária desde o dia em que a oficina e a escola forem como que complementares uma da outra. Por isso, não pode haver plano de ação proletária de efeitos mais decisivos e fecundos do que o de uma educação racional a que se submetem os trabalhadores e os seus filhos. É uma altíssima missão que cumpre a associação que abre a escolha que se converte em laboratório em que se caldeiam os rústicos espíritos dotando-se de capacidade de pensarem e agirem por si no vasto cenário da vida. Está nesse caso, por exemplo, a União dos Metalúrgicos que dia a dia, faz sentir a força de uma bem esclarecida organização." 30

Uma outra inquietação de Pimenta com o tema é que quanto mais inculta a população, mais difícil seria a atuação de alguém com espírito renovador e libertário. Se há esta dificuldade, como então introduzir teorias socialistas no seio da massa? Trata, por conseguinte, de fazer uma radiografia sobre a realidade obreira, comparando-a com a européia. Para Pimenta, temos por aqui, "um operariado ainda em via de organização, sem passado, sem história, sem tradições, sem uma

29 *O Paiz*, 11 de junho de 1924.

30 *O Imparcial*, 18 de março de 1925

consciência forte e disciplinada dos seus direitos e mesmo da sua alta função na economia nacional. [Enquanto isso no Velho Continente torna-se] "mais flagrante, mais dolorosamente sensível o antagonismo de interesses e aspirações que divide os homens em dois grupos se não em duas classes irreductíveis a classe patronal e a classe assalariada." 31

Mesmo em nossas plagas, encontrando-se a evolução socialista em plena idade infantil, Pimenta, contudo, crê que a "nossa vez há também de chegar". Como? Explica: "As próprias condições de existência do país, e seu progressivo desenvolvimento econômico-social, o futuro que lhe está reservado, já pela sua opulência, já pelo nosso imediato intercâmbio, que tende sempre a intensificar-se, como noções mais experimentadas e mais ocultas, terão de concorrer para a formação de um meio operário com feitio próprio, com a sua política de classe, autônoma e norteada por uma finalidade sociológica que, ultrapassando as fronteiras puramente corporativas irá confundir-se com os próprios destinos da sociedade brasileira." 32

Enquanto isto não ocorre sugere que os trabalhadores sejam preparados para o porvir através de uma educação, "não com uma visão obtusa do sectarismo escolástico que em vez de apóstolos forja inquisidores, mas com a visão larga da ciência e da crítica imparcial e serena que repelem por absurdos, se não por nefastas a verdade, conseqüentemente ao homem todos os dogmas, todas as seitas, por mais infalíveis que se arroguem." 33

Por estas citações, depreende-se que Pimenta estava a aventar que o fato do proletariado verde-amarelo não perceber a dicotomia de classes como fruto de uma ideologia ou corrente política, e pelo contrário, manter-se num "estado de anemia", de "inércia" e num "indiferentismo fatalista", deve-se a falta de "amadurecimento", de "ideologia" e de "educação" das classes trabalhadoras brasileiras.

Pimenta estava assim, talvez inconscientemente, a contemplar um tema tão antigo quanto a própria história do pensamento: o cativo da razão. A novidade é que ele, como outros pensadores da época e de hoje tentam situar no social a fonte de ilusões da falsa consciência. Destarte, a falsa consciência é concebida por Pimenta, como fruto da incapacidade cognitiva socialmente condicionada. 34

31 *O Imparcial*, 4 de novembro de 1924

32 *O Imparcial*, 4 de novembro de 1924

33 *O Imparcial*, 4 de novembro de 1924.

34 ROUANET, Sérgio, *O Cativo da Razão*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, p.7.

Creio, contudo, ser deveras inócuo pensar que a falta de consciência do proletariado e a partir daí - da sua organização, deva-se apenas a falta de "amadurecimento", de "ideologia" ou de "educação" dos proletários. Não que estas carências não tenham existido, mas alerta para o fato de que esta "realidade exterior" foi usada de um modo tão inespecífico que poderia vir a assumir um conteúdo demoníaco, na medida que impulsionaria o proletariado a iludir-se a si mesmo e aos outros homens.

Mais realístico, assevero, seria lembrar que o Brasil não conheceu processos históricos idênticos ao europeu, de onde importamos as idéias e copiamos sua práxis. Nossos conflitos econômicos, culturais ou religiosos foram tão pálidos em relação ao ocorrido no continente europeu que não fomos capazes, por exemplo, de estabelecer um sistema partidário sólido e estável, permanecendo a característica de partidos de quadros e não de massas. Em termos de queixa de Pimenta sobre a não percepção proletária da existência de duas classes irredutíveis, convém esclarecer que sua homônima europeia tinha tido muito mais condições de percebê-la, pois nas primeiras décadas deste século no Brasil, em Pernambuco especificamente, a estrutura produtiva tinha um nível rudimentar e posteriormente, a partir dos anos 30, o controle dos conflitos surgidos foi feito pelo ajuste corporativo dos sindicatos.

Adepto da educação como instrumento do progresso humano não seria surpresa constatar que Pimenta abominava o uso da violência como instrumento de transformações sócio-políticas. Já em 1919 declarou para o jornal *O Ceará Socialista* órgão do Partido Socialista Cearense, em 14 de julho de 1919, o seguinte:

"(...) Não é pela violência que se vence, mas pela solidariedade, pela organização; elas é que constroem as obras duradouras e profficuas."

Uma outra manifestação a este respeito foi colhida em "O Imparcial" de 4 de dezembro de 1924. Referindo-se à utilização por parte de Vaillant de bomba para fazer prevalecer sua ideologia e ao punhal de Caserio, não titubeou em dar sua mensagem aos adeptos da violência inconseqüente: "Nenhum ideal conseguiu impor-se pela força bruta, seja ele a mais alta e nobre expressão de sentimentalidade humana, purissimo como água esterilizada, não poderá pela violência nem impor-se nem tão pouco avançar."

Pimenta, contudo, era suficientemente realista para perceber o abismo que separava a burguesia do operariado urbano e do trabalhador rural. Segundo ele,

"No interior - plena servidão, o regime de trabalho continua o mesmo de antes de 1888. O dia de trabalho é de doze a quatorze horas.

De sol a sol. A situação do trabalhador, no campo, em certos lugares é pior que o do feriado do trabalho escravo. Quase sempre os donos de usinas e fazendas se tornam então verdadeiros feudos. O regime de cipó de boi, do tronco, do tormento das fornalhas não desaparecem (...) Na maioria dos casos o trabalhador do campo se abatece nos "barracões" por meio de vales fornecidos diariamente. Os preços aí não têm nenhuma relação com a balança comercial, com a alta e baixa das mercadorias e se mantêm à vontade do homem do barracão. Quase sempre a diferença entre o preço do barracão e o do comércio próximo é de 50% a mais contra o trabalhador. Em algumas usinas e fazendas é absolutamente proibido comprar fora do barracão." 35

Pimenta criticava o uso da violência do Estado na resolução de conflitos advindos dessa disparidade social:

"Não tínhamos, é verdade, uma "luta de classes" com os seus aspectos e episódios sombrios, a qual se desenrolava nos grandes centros industriais, com graves ameaças da ordem jurídica e das instituições a que serve aquela de elo vital, mas também não era de concórdia o ambiente das nossas fábricas e usinas, se bem que ainda em ensaios de uma profunda desigualdade e conseqüente choque de interesses, do qual o Estado só tomava conhecimento quando explodia em greves, para reprimir, ou antes, para mais estimular e predispor, com emprego da força, a novas e irrefreáveis explosões." 36

Queixava-se que o Estado valia-se do monopólio da força para reprimir a organização sindical. A polícia atendendo a denúncia do patrão prendia os trabalhadores sob o pretexto de estarem reprimindo manifestações anarquistas quando na maioria das vezes tratavam-se de reclamações por condições mínimas de sobrevivência dada a situação de penúria em que viviam, especialmente no setor rural. 37 Portanto, não se poderia garantir que a violência deixasse de ser usada pelos trabalhadores a persistir tal situação:

"Eu desejaría que a luta entre o operariado e a burguesia se fizesse sem essa hecatombe, sem aquela violência com que a última massacróu a realza. Mas também quem pode evitar esses choques de interesses e de aspirações que cada classe defende como direito inviolável? A fórmula de Molon, "sejamos revolucionários quando as circunstâncias o exigem e reformistas sempre", seria a suprema filosofia da ação se somente dos nossos esforços dependesse o equilíbrio na vida das sociedades." 38

35 *O Imparcial*, 31 de maio de 1925.

36 PIMENTA, Joaquim, *Sociologia Econômica e Jurídica do Trabalho*, p. 184-5.

37 *O Imparcial*, 31 de maio de 1925.

38 *A República*, 25 de setembro de 1991

Pimenta, todavia, acreditava na possibilidade de se fazer remodelamentos em nossas instituições sem abalos profundos dado que as clivagens sociais não criaram raízes na alma popular. Senão vejamos: "Rigorosamente falando, não temos prejuízos de casta ou de classe, muito menos antagonismos de raça que pudessem emperrear e deter a máquina do Estado, impossibilitando-a de agir à margem de ambições e conveniências desse ou daquele agregado ou grupo social." 39

Para Pimenta, o papel histórico do Estado era inquebrantável e cabia tão-somente redirecioná-lo para que de "órgão de dominação, passasse a órgão de coordenação e subordinação das atividades humanas. Não desaparecerá como crêem os anarquistas e sindicalistas revolucionários: transforma-se-á, ou antes, retomará a finalidade histórica que se lhe delineia nas organizações coletivas que para viverem não necessitam de recorrer a força, ou vão dispersando o consumo desta. Porque o desaparecimento do Estado implicaria a extinção do direito, e à extinção do direito seguir-se-ia a dissolução da sociedade, como a lhe faltar um elemento essencial a sua existência, que é para sua estrutura o que é o equilíbrio vital para a estrutura dos seres." 40 Daí ter Pimenta se empolgado com a possibilidade de usar o Estado varguista não para reprimir os trabalhadores mas para mudar a relação capital-trabalho.

A formação jurisdicista de Pimenta aparece quando procura transpor a luta de classes da esfera sociológica para a área do Direito, pois acreditava que ela iria tomar um "caráter jurídico de conciliação dos interesses colidentes." 41 Noutros termos, de uma luta de classes passaríamos a ter uma luta de direitos, bem mais produtiva, segundo Pimenta, para a humanidade conforme suas palavras:

"Se a luta é fenômeno inerente à vida dos seres, se representa, na história das sociedades humanas, uma alta função - a de aguçar o instinto de conservação do indivíduo e da espécie. O sacrifício dos mais fortes, a destruição, em poucos dias, do que o homem levou séculos a construir, a miséria, a fome, o esgotamento das forças sociais, as angústias as fortunas, as brutalidades que sofrem as populações inermes, tudo isso é mais que evidente para me convencer que as vantagens da guerra que tanto se apregoam, estão longe de contrabalançar os males que ela acarreta." 42

Pimenta novamente mostra preferência pelo equilíbrio à ruptura. 43

39 *Revista do Trabalho*, p. 187

40 *O Tacape*, n. 10, ano I, 1938.

41 *O Tacape*, v. 10, ano I, 1928

42 *Ibid*

43 Pimenta elogiou a passagem de MacDonald pelo gabinete britânico quando negou ser a luta de classes o motor da evolução histórica. *O Imparcial*, 7 de novembro de 1924.

Ele crê na unidade do mundo vivo como parte integrante da unidade cósmica, e depois de considerar os fenômenos biológicos, psíquicos e sociológicos sob a influência do mundo exterior declara: "é esta uma das grandes verdades da ciência moderna: a da estreita solidariedade da terra e do homem, a íntima conexão de forças físicas, de forças orgânicas e de forças sociais, cujo equilíbrio é o ponto de apoio de toda a história da civilização." 44

Portanto, é a concepção monista do mundo que vai guiar o sociólogo, para ver na riqueza uma resultante da adaptação, e na saúde, outra forma de adaptação das forças naturais, ambas tendendo ao mesmo fim, que é a conservação do homem, e da sociedade, tarefa difícil de ser obtida caso se optasse pelo jogo soma-zero da luta de classes. 45

c) *Religião e Igreja*

Pimenta demonstra extrema desconfiança quanto à intenção da Igreja em se interessar na organização do proletariado. Aventa o papel histórico desempenhado por esta instituição para assoalhar sua verrina:

"Se a igreja hoje não tem mais a servidão da gleba que tanto contribuiu para torná-la uma opulenta organização feudal, ficou-lhe a servidão voluntária das massas populares, supersticiosas e inconscientes, que com medo do inferno lhe paga verdadeiros tributos. Ficou-lhe ainda como substitutivo do sistema de economia servil, a beatice pródiga de matronas ricas e de burgueses apatacados, cujas doações se convertem em um cheque cabalístico de missas, de orações, de toadas litúrgicas capitalizadas para a fictícia jornada do outro mundo." 46

A contundência de sua crítica não fica por aí, e prossegue: "Pelos trabalhadores livres, jamais mostrou a igreja o menor interesse, salvo o de mantê-los na ínfima posição de autômatos resignados com a sorte que os fizera depender de um patrão. Se hoje ela se volta com ares de simpatia para a questão social, imiscuindo-se na discussão dos

44 Ibid.

45 Ibid. Um jogo é considerado de soma-zero quando o que um ator ganha é exatamente o oposto do que o outro ator perde, redundando a soma em zero.

46 PIMENTA, Joaquim, *A Questão Social e o Catolicismo*. Rio de Janeiro: Off. Graph da E. P. Maçonaria "José Bonifácio", 1921, p. 24.

problemas que se pendem à emancipação econômica, moral e intelectual do operariado, é porque já compreendeu o alcance que terá para a sua política oportunista colocar-se ao lado da grande força que avança das camadas profundas para a conquista do poder. É do seu programa sempre estar com os fortes contra os fracos, abandonar os seus aliados da véspera para se ligar aos vencedores do dia seguinte." 47]

Para Pimenta os vencedores seriam os trabalhadores que escreveriam num Evangelho humano o ideal socialista. Conforme Pimenta, "não será o Evangelho Eterno que anteviam os místicos medievais a recolher do Espírito Santo irizada num ralo de sol, a esplendidez da vida, será um evangelho eminentemente humano, a "boa nova", na terra de uma verdade e de uma justiça que milhares de gerações em vão buscaram no céu." 48] Portanto, julga que o socialismo cristão seria a panacéia encontrada pelas autoridades eclesiásticas para não perder o rumo dos acontecimentos, e arremata:

"Com Leão XIII o socialismo deixa de ser uma *peste lethifera*, epíteto com que o alvejara o ódio teológico de Pio IX, para figurar oficialmente nas encíclicas e nas apologéticas divagações do doutrinamento católico. Aquele pontífice que foi, nos nossos dias, a mais genuína encarnação da política maquiavélica, passou de doutor austeramente medieval a ardoroso e lépido discípulo de Karl Marx, visando, com esta adesão as idéias do eminente pensador tedesco, entrar como exclamara impando de júbilo o devotíssimo Conde Albert de Mun, em comunicação com o povo que a marcha dos séculos fez o grande poder temporal da nossa idade!"

"Mas as classes trabalhadoras já estão bastante escarmentadas para se narcotizarem com velhas cantigas. A experiência do passado mostra-lhes qual o caminho que há de conduzi-las à realização do verdadeiro regime de liberdade, de igualdade e de fraternidade, que convém ao gênero humano.

Não é de certo, que a retórica sédica dos púlpitos, com a linguagem doutoral e pretensiosa das encíclicas, nem tão pouco com rezas e ladainhas, que se reformará a sociedade presente. Que o digam vinte séculos de tentativas inúteis para imprimir aos povos, sob um governo teocrático, uma só estrutura social, um molde psicológico único, um feitiço moral imutável, uma civilização uniforme invariável, monótona, petrificada no dogma.

47. *Ibid.*, 64.

48. PIMENTA, Joaquim, *A Ilusão Individualista*. Recife: Imprensa Industrial, 1930. p. 82.

O novo mundo social que há de surgir dos destroços de instituições anacrônicas que hoje não mais comportam as aspirações da vida contemporânea de todos os prejuízos, a começar pelos prejuízos religiosos e políticos, i.e., pelos que têm exercido a mais estúpida tirania sobre os homens." 49

A verdade é que Pimenta não nutria fortes simpatias pela Igreja, chegando mesmo, dado o tom de suas palavras, a apresentar-se como um anticlerical. Ao fazer comentários sobre a doutrina anarquista para o jornal *"A Hora Social"*, Pimenta indaga como pede a Igreja atacar tal doutrina, se não excomunga de suas hostes figuras como Santo Ambrósio, São Clemente, São Basílio e São João Chrisóstomos que demonstraram uma forte preocupação com o igualitarismo social. Simultaneamente responde:

"Nisto não caíra ela: por que se um dia vier a triunfar o ideal anárquico, e se até lá ela conseguir viver, logo os seus apologistas dirão que a Igreja sempre foi pelo anarquismo tanto que além de defendido pelos seus doutores, fora praticado pelas primeiras comunidades cristãs. Dirá mesmo que o próprio Jehovah fora o primeiro anarquista que levou avante por meio do dilúvio, a 'liquidação social', para poder organizar um mundo mais perfeito. O Cristo mesmo será invocado como o mais antigo 'dinamiteiro', pois fora ele, que vaticinou, antes de mais ninguém, que o 'fogo do céu' desceria sobre a terra para num abrasamento cômico, refundir todo o gênero humano em uma obra completa de amor e de fraternidade universal." 50

Como uma metralhadora giratória, Pimenta não hesita em atirar de todos os ângulos possíveis contra o projeto do socialismo eclesiástico. A Igreja diz, é uma corporação verticalizada. Há nela, portanto, "uma escala ascendente de posições hierárquicas, que é o sistema mais perfeito de subalternidade, conhecido até hoje. Isto é bastante para fazer calar qualquer argumento, qualquer objeção em favor do socialismo católico. Temos ali a negação da igualdade em sua acepção rudimentar." 51 Prossegue Pimenta nas suas críticas:

"O clericalismo em todas as idades, foi a classe parasitária mais nefasta do organismo social. Ele por si já é um argumento poderosíssimo contra o socialismo católico (...). O clericalismo introduzindo-se no movimento socialista, só pode retardá-lo ou sufocá-lo. É incompatível com as idéias libertárias que nem o homem livre pelo pensamento e ação. (...) Regenerar, embrutecendo o operário com doutrinas que

49 Ibid., p. 66

50 *A Hora Social*, 24 de julho de 1920.

51 *A República*, 20 de setembro de 1925.

deturpam o caráter, anestesiaram o cérebro, embotam a sensibilidade, eis que se reduz a ação socialista do catolicismo." 52

d) Sindicalismo/Partidos

Ao rejeitar a ação do poder espiritual na organização dos trabalhadores, Pimenta apresenta soluções seculares, como esta: "(...) é ao sindicalismo que se enquadra a frase célebre de Marx: "a emancipação dos trabalhadores deve ser obra deles próprios." A experiência tem mostrado que só pela "ação direta" tem o proletariado, pouco a pouco, reivindicado por parte de seus direitos. Mas, um sindicato deve ser uma escola de animação, onde o espírito de luta contra as classes hoje dominantes seja a preocupação diária de cada obreiro. (...) Que não se deixem, no entanto, aos sindicatos arrastar pelo mutualismo, pelo cooperativismo que deve ser encarado como um dos "facies" do sindicalismo e destinado a proteger o operário quando em luta aberta e a prover as suas necessidades durante a "paz aparente" em que vivem os nossos. Se a isso fossem eles levados, em pouco tempo, o sindicalismo não seria mais do que uma cópia grosseira das sociedades burguesas de beneficência. O sindicalismo em si é a luta, a ação do proletário rebelde à dominação patronal. O sindicato, na sua essência é a força proletária organizada e a única estrada que conduz o operário a emancipação social (...) O sindicalismo é noutras palavras a ação direta do proletariado na metamorfose da sociedade: é a eficiente, a força conjugada dos operários." 53

Chega a ser estranho que em 1925, após todas as rixas "pimentistas" com os anarquistas, anarco-sindicalistas e marxistas, esteja o lente a usar conceitos como "ação direta", i.e., afastando a criação de instituições políticas efetivas como partidos políticos capazes de mediar e moderar a ação política de grupos, estimulando, por conseguinte, o potencial conflitivo já que os grupos teriam que se enfrentar vis-à-vis.

Quatro anos antes, todavia, mais precisamente em 12 de junho de 1921, ao ser indagado pelo jornal *O Combate* (órgão da Federação dos Trabalhadores do Ceará) sobre sua opinião em torno do movimento operário fundar um partido político, Pimenta respondeu bem mais moderadamente, mesmo numa época de grandes agitações sociais:

"Para mim não encerra ele uma surpresa (a fundação de um partido político); há tempo previ que essa organização teria de vir como

52 *Ibid.*

53 *O Imparcial*, 23 de maio de 1925

um fato natural e necessário. Nò Recife, eu mesmo tomei a iniciativa de fundar o "Partido Socialista Pernambucano"; cheguei a redigir as suas bases que os jornais publicaram. Pois, se a maioria do operariado estava de acordo com a fundação do P.S.P., um pequeno grupo divergia, esta divergência não me convinha, não me convinha porque sempre preguei pela união integral da classe operária, sempre lutei para que do seu seio não se dispersasse ninguém. Previa o mal que poderiam trazer as associações uma desarmonia de vistas e, como consequência, a sua desagregação com rivalidades e lutas estéreis (...)

Quis ainda não insistindo na criação do partido patentear aos dissidentes e aos que me atribuíam injustamente intuits políticos de interesse pessoal que apenas cogitava de um processo de defesa e de combate que, bem orientado, poderia dar bons resultados. Decerto não pretendia eu resolver com ele a questão social, não tinha tão ingénua intenção, mas impelia-me a agir assim a certeza de que politicamente organizado, os trabalhadores contariam com mais uma arma a contrapor as perseguições e as violências de que são freqüentemente vítimas imbeles."

Como se percebe, Pimenta não tinha uma firme convicção no que concerne à organização operária. Ora se mostra francamente favorável à concepção anarquista de organização, ora tece loas à organização partidária como modo de fazer avançar os interesses do proletariado, e ele mesmo como a exemplificar durante a época do governador de Pernambuco Sérgio Loreto disputou um cargo eleitoral. Foi a única vez que Pimenta se filiou a um partido político, terminando por abandoná-lo "depois de divergir de certos processos de atuação de algum dos seus dirigentes, processos incompatíveis com o próprio nome da agremiação - que era - Partido Democrático."⁵⁴

A minha sugestão para estas oscilações do seu modo de pensar reside no fato que Pimenta procurava uma alternativa às idéias socialistas-anarquistas e ao liberalismo clássico. No entanto, foi incapaz de expor com clarividência sua proposta terminando por resvalar em contradições, pois aqui e acolá, ao sabor do momento, findava muitas vezes optando pelo modo de organização proletária de uma das correntes que no íntimo desejava suplantar.

Depreende-se, também, da avaliação de Pimenta sobre a importância do partido para a classe operária que o mesmo não apresentava um retrato fidedigno da realidade política de outrora. Era como se estivesse procurando a quadratura do círculo. Primeiramente, porque a palavra partido, já dá por si a idéia de parte de uma totalidade.

⁵⁴ *Jornal do Comércio*, 13 de janeiro de 1963

Por conseguinte, dado o espectro político da quadra onde as facções libertárias eram emergentes e no plural, seria um ato volitivo acreditar que todos os adeptos dos diversos segmentos proletários consensualmente resolvessem apoiar a criação do Partido Socialista Pernambucano. Talvez o estabelecimento de uma frente política fosse factível em situação de polarização como a vivida pelo Estado em meados da década de vinte. Contudo, um partido monolítico, impensável por melhor que fosse as intenções de Pimenta em evitar a desagregação e a desarmonia das classes trabalhadoras. Num período de acirradas disputas pela liderança do proletariado pernambucano e pretensão de Pimenta em unir todas as correntes num partido sob sua égide, tratava-se muito mais de uma vontade particular do que uma proposta realizável.

Há uma outra possibilidade para se entender a mentalidade pimentiana no que tange à unicidade partidária. Ao ser indagado pelo jornal *O Combate*, em 12 de junho de 1921, se o partido que pretendia fundar não viria desorganizar os sindicatos, ele sem pestanejar respondeu:

"Absolutamente não; seria uma agremiação estranha à vida interna dos sindicatos e da Federação das Classes Trabalhadoras que continuariam a reger-se pelo mesmo programa de ação, como se aquele não existisse. Nas bases a que me referi, vedava-se qualquer propaganda, entre associações sindicais com o intuito de arrebanhar adeptos. Cada operário, sindicado ou não, poderia a ele aderir livremente, era uma questão de consciência individual, exigindo-se-lhe apenas que se dispusesse a defesa da causa operária, no terreno político, como um reforço da luta no terreno econômico."

Portanto, enquanto os sindicatos se encarregariam dos embates no campo econômico, ao partido estaria reservado a tarefa de avançar as conquistas operárias na arena política. De acordo com Pimenta a pluralidade sindical seria mantida, mas o mesmo não ocorreria em relação ao jogo partidário. Era como se ele achasse que a organização econômica e política fossem imiscíveis, e que as discrepâncias na base econômica não se refletissem na arena política.

Assim sendo, se Pimenta escapa à tentação de reduzir o papel da classe operária nas transformações sociais aos movimentos sindicais, não deixa também de cometer seus deslizes. Havia os sindicatos, que pelo menos teoricamente, procuravam organizar seus membros enquanto produtores e outros que questionavam o trabalho como meio de vida e não como um momento da produção. Essa divergência teórica é fundamental, pois o quadro partidário típico da ideologia burguesa organiza os conflitos para serem resolvidos dentro da sociedade capitalista. A tática da "ação direta" por exemplo, por sua vez, foi desenvolvida por Sorel porque o mesmo via o proletariado - organizado

em sindicatos -, não como pobres lutando por uma maior parte do bolo mas como uma força predestinada pela história para entronizar uma nova civilização e uma moralidade heróica nas ruínas de um mundo burguês em decadência. A autenticidade desta força e a singularidade deste propósito foi invalidado e distorcido por políticos profissionais, por intelectuais, e pelo efeito corruptor dos partidos políticos parlamentares.⁵⁵

Por conseguinte, o quadro da época apontava para notórias diferenças sindicais que se refletiriam em qualquer outra tentativa de organização operária. Como que desafiando a realidade, a busca pela unicidade dos interesses operários, tornou-se para Pimenta uma obsessão como podemos constatar a seguir:

"Creio que em menos de um ano terei conseguido organizar todo o operariado pernambucano, seguramente compreendido só na capital e cidades circunvizinhas 40.000 pessoas. Mas o que é também necessário é a solidariedade de classe entre os Estados, de modo que em todo o território nacional os homens de trabalho constituam uma só unidade, um só corpo e uma só alma, tendo as mesmas aspirações, o mesmo credo. Por ora isto é difícil, porém será atingido mais tarde e para que se chegue a tal resultado é preciso começar por se aproximarem, por se comunicarem, por se corresponderem os grupos já organizados nos Estados vizinhos. É o que eu desejo promover entre o operariado de Pernambuco, o cearense, o riograndense do norte e o paraibano. O de Alagoas já está unido ao de Pernambuco; só associado pelos sistemas federativo e confederativo poderá a classe operária do Brasil atingir a realização de seus ideais, não sendo assim, ela fatalmente será como força impotente, um peso morto na vida nacional. Não é pela violência."⁵⁶

Para quem acompanha o pensamento de Joaquim Pimenta, sem dúvida, aí reside o embrião da sua futura concepção sindical aplicada nos anos 30. Foi exatamente no período em que trabalhou sob a direção de Lindolfo Collor, no Governo Vargas, que as contradições filosóficas de Pimenta vieram à tona. Pimenta sempre foi um amante da liberdade mas nunca encontrei alguma crítica sua aos métodos ditatoriais empregados por Vargas para se manter no poder; era a favor da autonomia sindical mas não se opôs ao imposto compulsório que mantinha o sindicato dependente do Estado; considerava-se um democrata mas propiciou o advento do corporativismo estatal e, finalmente, era favorável à justiça social e uma melhor distribuição de renda mas serviu a um presidente

55 TALMON, J. L., *The Myth of the Nation and the Vision of Revolution*, London: Secker & Warburg, 1980, p. 458.

56 *O Ceará Socialista* (órgão do Partido Socialista Cearense), 14 de junho de 1919.

que se apoiou muito mais em políticas populistas distributivas do que em políticas redistributivas, ou seja, Vargas procurou aumentar os ganhos da base da pirâmide de distribuição de renda sem recorrer a taxaçaõ explícita das classes altas o que é sinônimo de não ter exigido novas formas de tributaçaõ progressiva.